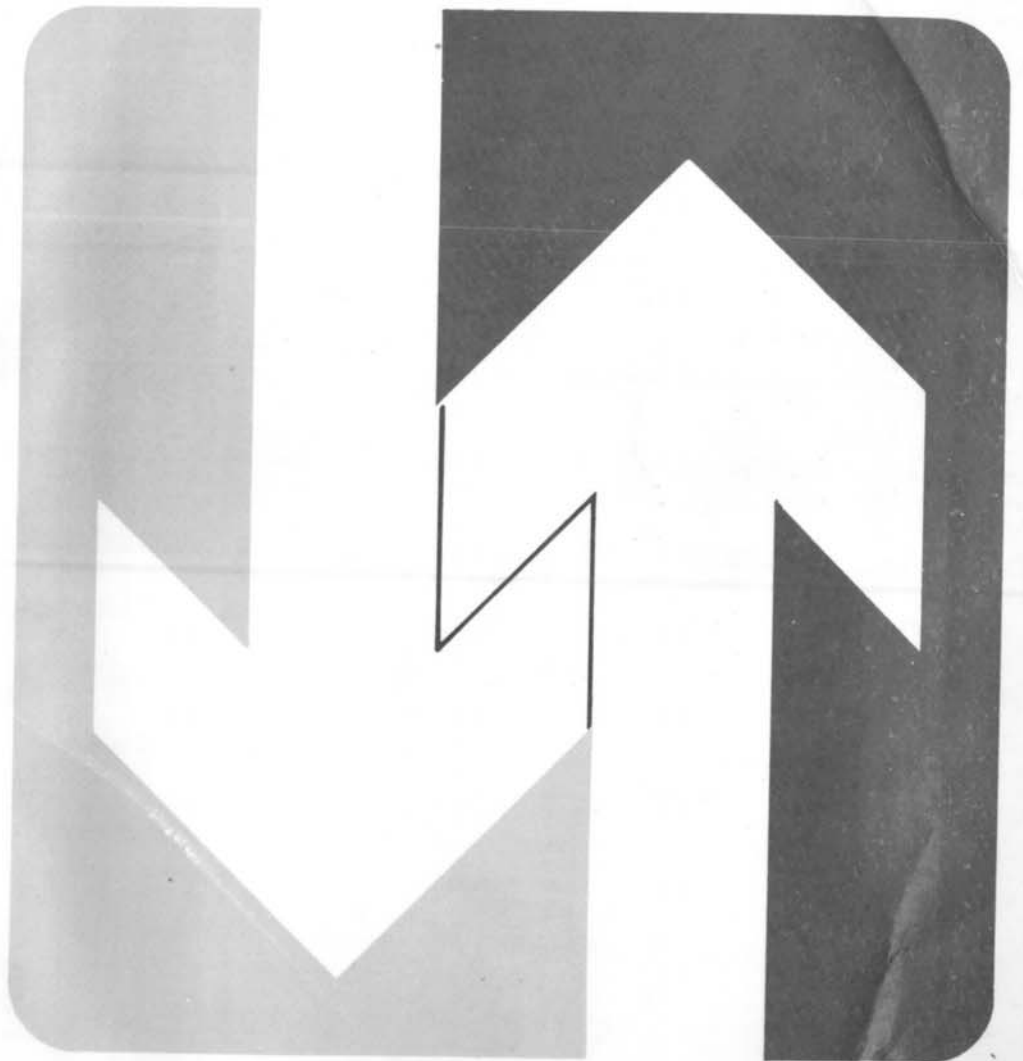


ANAIIS



3º CONGRESSO
BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA
ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS

02

FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE ARQUIVO MÉDICO

– Relato de uma pesquisa –

Anna Maria do Nascimento Faria

A Associação Brasileira de Arquivo Médico e Estatística (ABAME) tem agido em várias frentes de trabalho, objetivando basicamente à divulgação dos sistemas de arquivos médicos. Em vários Estados do Brasil tem a ABAME procurado estimular as técnicas de arquivo e o aprimoramento da mão-de-obra, promovendo a criação de cursos com carga horária superior a 300hs. Temos cursos de auxiliar de arquivo médico com esta carga horária, o que não tem sido suficiente para a adequada formação do profissional. Precisamos mesmo é do técnico de nível médio.

O que temos notado, pelas pesquisas que fizemos em diferentes cidades, é que os arquivos ainda estão muito longe de atingir aquilo que esperamos e temos nos esforçado para conseguir. O que tem contribuído para isto é a falta de formação de profissionais.

Em Minas Gerais grande parte de nossos arquivos vai muito mal. Não passam de um depósito de papéis entulhados ou como dizem “arquivos mortos”.

O pessoal que neles trabalha não se interessa por nada e nem quer saber o valor de um arquivo para a comunidade, estudo e planejamento.

É do nosso conhecimento que o prontuário médico é uma fonte inesgotável de informação, quando bem feito e com os dados registrados adequadamente. Com os arquivos que possuímos, na maioria dos hospitais, nunca poderemos convencer a alguém que eles possam servir para pesquisas, aprendizado do profissional da área da saúde e para a elaboração de trabalhos científicos. É um acumulado de papéis com registros suficientes apenas para elaboração das contas nosocomiais. Notamos a falta de informações importantes.

Diretores e administradores precisam conscientizar-se de que o Arquivo Médico desempenha papel importante na Instituição, planejamento de um setor de saúde, programas de assistência médica para atendimento das necessidades populacionais. Ele deve ser unitário, integrado e centralizado e oferecer ao paciente o máximo de benefício que a ciência médica lhe pode dar, dentro das bases humanas e científicas a que ele tem direito. Mas para este trabalho de conscientização precisamos contar com um técnico trabalhando no arquivo.

De nada adianta a poucos elementos entusiastas fazer planos maravilhosos de implantação de arquivo médico e estatística, se quando vão aplicá-los não podem contar com auxiliares capacitados para tal, como acontece no nosso meio. É neste instante que se sente a carência do profissional do arquivo médico, porque aqueles, que diretores e administradores colocam à

disposição para auxiliar na tarefa de implantação e depois dar seqüência ao trabalho, não sabem nem o significado das palavras “arquivo médico e estatística”.

Isto acontece na maior parte dos hospitais mineiros, particularmente naqueles que são carentes até de médicos e pessoal paramédico. O profissional de arquivo médico nem é cogitado. É um elemento que não entra nos planos de seleção de pessoal para trabalhar na Instituição. Qualquer indivíduo que não produza mais e está em tratamento de saúde ou aguardando aposentadoria serve para fazer o serviço de arquivo.

É difícil trabalhar e desenvolver um bom trabalho em situação como esta.

Seria bom se pudéssemos contar com a colaboração da Associação dos Arquivistas Brasileiros, que tem o Arquivo Médico como uma de suas especializações, para estudarmos a elaboração de currículos de formação do profissional em arquivo médico.

A partir daí então teríamos um mercado de trabalho valioso com mão-de-obra especializada e valorizada. Contaríamos com elementos trabalhando com amor à arte, conforme o exige o Arquivo Médico, e muito teríamos a dizer a este respeito, em conclave vindouros, como este que ora se realiza.